INTRODUÇÃO

Há uma antiga questão na Arqueologia Amazônica que diz respeito à definição dos padrões de organização social e política dos povos que habitaram a região na época do Descobrimento. O contraponto entre as informações históricas sobre a existência de assentamentos populosos apresentando cerâmica elaborada ao longo das margens do rio Amazonas e o panorama atual, que apresenta baixa densidade demográfica e formas de organização social baseadas em relações de parentesco, gerou a formulação de modelos para tentar explicar esse contraste.

Foi o antropólogo Julian Steward, no final da década de 1940 que formulou um conjunto de hipóteses que procuravam explicar a evolução social na Amazônia. O marco de seu modelo foi a criação uma tipologia que associa organização sóciocultural ao tipo de ambiente, sendo que a variável ambiental é o fator que determina o grau de desenvolvimento das organizações sociais (Steward,1948). Segundo Neves (1999-2000), a importância desse trabalho do foi ter criado modelos baseados em premissas ecológicas para a arqueologia amazônica. Assim, com base em fontes históricas e etnográficas, Steward estabeleceu quatro áreas culturais: tribos marginais, cultura de floresta tropical, cultura circum-caribe e civilização andina. As três primeiras foram definidas, de certa forma, pela comparação com a área andina que era considerada a mais desenvolvida (Steward, 1948; Neves, 1999-2000; Gomes, 2002).

Para completar esse quadro, mais tarde, já na década de 1960, o antropólogo Elman Service partindo das proposições de Steward, formulou uma tipologia geral dos estágios de desenvolvimento sóciopolítico que seguiam uma escala evolutiva de complexidade crescente: bando, tribo, cacicado e estado (Service, 1962). Assim, o tipo tribos marginais definia sociedades apresentando tecnologia de subsistência rudimentar e ausência de instituições políticas, seriam os grupos caçadores coletores nômades, vivendo em pequenos bandos. Acima deles estariam às tribos de floresta tropical, que representavam grupos viventes em aldeias mais estáveis reunindo um número maior de pessoas que os bandos; praticavam a agricultura de coivara e exploração de recursos aquáticos e sua organização social seria baseada nos laços de parentesco (tribos). Já a cultura circum-caribe se caracterizaria pela centralização política e religiosa, estratificação em classes e intensificação econômica. O poder político e religioso era institucionalizado, gerando o aparecimento de chefes supremos, sacerdotes, templo e ídolos, - seriam os cacicados. E por fim, no topo da escala evolutiva, estaria a civilização que se desenvolveu nos Andes Centrais e na costa do Pacífico. Eram

populações densas apresentando sistemas intensivos de produção agrícola, criação extensiva de animais, formas sofisticadas de administração pública e cobrança de tributos, marcada estratificação social e desenvolvimento de técnicas de metalurgia, seriam os estados.

Em um primeiro momento, considerando a organização econômica, social e política das atuais populações amazônicas considerou-se que o tipo "tribos de floresta tropical" seria o estágio adequado, pois se acreditava que este ambiente, por causa das limitações ambientais, não possibilitava o crescimento demográfico e desenvolvimento de sociedades complexas. A cultura de tribo de floresta tropical tinha como principais características: ausência de arquitetura monumental e refinamentos metalúrgicos (em contraposição ao tipo andino); subsistência baseada no cultivo de raízes tropicais, principalmente a mandioca amarga; técnicas de navegação fluvial desenvolvidas; uso de redes para dormir; fabricação de cerâmica; organização social descentralizada e ausência de locais especiais para cultos religiosos (Lowie, 1948; Steward, 1948).

A presença dessas culturas no ambiente amazônico era explicada como uma combinação de processos adaptativos (evolucionismo) com influências externas (difusionismo). Teria havido um movimento migratório de populações sub-andinas que se deslocaram dos Andes centrais, atingiram os Andes setentrionais, a região do circum-caribe e finalmente a floresta tropical amazônica. Nessa última área por causa da existência de solos pobres, impróprios para a prática da agricultura intensiva, essas populações perderam suas características mais complexas de cacicados e involuíram para o tipo floresta tropical, isto é tornaram-se tribos.

A partir dessas premissas é que no final dos anos 1940 e início dos 1950, os arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans iniciaram sua pesquisa na foz do rio Amazonas a fim de testar a hipótese de Steward. Sendo assim, sua pesquisa era alicerçada no determinismo ecológico e na difusão cultural. Os vestígios cerâmicos, por sua abundância, foram a principal variável estudada, sendo classificados através de elementos técnicos como decorações, tipos de antiplásticos e queima da pasta. Os conjuntos resultantes da análise levaram a definição de unidades analíticas denominadas de fases e tradições[1]. A partir da consolidação destas unidades classificatórias e do mapeamento da sua dispersão espacial e temporal pretendiam reconstruir as rotas pelas

[1] Fase – Qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação relacionado no tempo e espaço, num ou mais sítios (Chmyz, 1966 e 1976).
Tradição – Grupo de elementos e técnicas com persistência temporal (Chmyz, 1966 e 1976)

quais os grupos produtores dessas cerâmicas migraram de uma área para outra. Os vestígios arqueológicos da ilha de Marajó foram considerados uma anormalidade diante do modelo proposto por Steward. Assim, a existência de cerâmicas altamente elaboradas e de aterros artificiais que indicam complexidade social, era incompatível como o modelo proposto e esses elementos foram interpretados como oriundos de um ambiente externo, provavelmente dos Andes. A cultura migrante incapaz de manter-se no novo ambiente, que não proporcionava condições necessárias a manutenção de seu modelo agrícola, entrou em decadência, passando de uma organização política tipo cacicado para tribo de floresta tropical. (Meggers e Evans, 1957; Neves, 1999-2000; Gomes, 2002; Machado, 2005).

Um dos pontos importantes das pesquisas de Meggers foi à definição de padrões de assentamentos distintos para o ambiente de várzea e de terra firme. Embora reconheça que o ambiente de várzea seja mais rico em recursos do que a terra firme e apresente solo fértil, considera que existem riscos em ambos os habitats. Pois, assim como a terra firme apresenta baixa fertilidade, a várzea, apesar de rica é imprevisível e não confiável, pois está sujeita a oscilação periódica dos recursos. Esse quadro desestimulava as possíveis as iniciativas de invasões dos grupos de uma área a outra pela disputa de recursos. Diante desse raciocínio Meggers passa a questionar a veracidade das crônicas dos primeiros viajantes que registraram a existência de sociedades com alta densidade populacional, vivendo as margens dos rios Amazonas e Orenoco. E argumenta que os dados arqueológicos obtidos por suas pesquisas e de seus colaboradores contrastam com o panorama dos relatos etno-históricos. Defende a idéia da inexistência de grandes densidades populacionais e o que escapa ao padrão estabelecido (pequenos sítios), isto é, áreas com grandes extensões de terra preta e vestígios cerâmicos, foi explicado como resultado de reocupações sucessivas da mesma área (Meggers, 1977, 1990, 1992 e 1995).

No quadro da ocupação pré-histórica da Amazônia, Meggers e Evans (1961) incluem à cerâmica Konduri na Tradição Incisa Ponteada, cujo principal representante na Amazônia Brasileira seria a cerâmica de Santarém. A distribuição dos sítios pertencentes a essa tradição se daria ao longo do Orenoco (Arauquín), do Amazonas (Santarém, Itacoatiara e Konduri) alcançando a Guiana Inglesa (Mabaruma) e no Amapá (Mazagão). Seus principais traços diagnósticos seriam: incisões retilíneas, algumas formando padrões associados com ponteados; modelagem em baixo-relevo ou adornos biomorfos sobre a borda ou parede do vaso. Quanto à cronologia é considerada

bastante tardia, sendo que Santarém seria proto-histórica e Arauquím foi datada entre 1000-1500 A.D. (Chymz, 1976; Meggers, 1961, 1983, 1987; Gomes, 2002).

O centro de origem e dispersão do Horizonte Inciso Ponteado, segundo os autores poderia ter sido os altiplanos colombianos, de onde teriam se dispersado para o Orenoco e depois penetrado na bacia amazônica. Mais tarde, revendo seu esquema cronológico, propõe que tenha havido entre 1000 e 1500 A. D. uma expansão Arauquinóide, que foi identificada agora com a Tradição Incisa Ponteada, tanto em direção as Antilhas como a bacia Amazônica. Assim, segundo os autores, pode-se concluir que a origem do estilo Santarém e de cerâmicas correlatas poderia ser explicada através de uma migração que se originou na Venezuela, talvez impulsionada por mudanças climáticas que afetaram a produção alimentar. As diferenças entre as cerâmicas das duas áreas (amazônica e altiplanos venezuelanos) poderiam ser explicadas através de processos de aculturação, migração e comércio (Meggers, 1983).

Uma outra abordagem para a ocupação pré-histórica da Amazônia foi de Donald Lathrap, cuja singularidade encontra-se na combinação de idéias de adaptação ecologia com a difusão dos estilos cerâmicos e dados lingüísticos (Lathrap,1977). Segundo Gomes “embora não tenha nenhuma relação mais direta como modelo de Steward e seja totalmente oposto ao formulado por Meggers, (...) parece (...) se apropriar do conceito de floresta tropical de uma maneira diversa. A floresta tropical para ele não contém elementos que limitaram seu desenvolvimento cultural. Ao contrário, nela desenvolveram-se importantes processos que se relacionam ao surgimento dos mais antigos troncos lingüísticos, à emergência da agricultura e ao aparecimento da cerâmica no Novo Mundo” (2002:57). O autor concebia o ambiente como extremamente diversificado e apto para sustentar populações numerosas que poderiam se tornar estáveis e complexas. Nesse modelo todos os sistemas agrícolas da América do Sul teriam origem em um sistema antigo de cultivo de mandioca oriundo das várzeas da Amazônia central ou do norte da América do Sul.

Seu argumento parte da idéia que a origem da agricultura aconteceu deliberadamente através de processos experimentais em vez de uma simples descoberta. Baseado nas evidências etnográficas enfatiza a importância do manejo ou transporte de plantas para os quintais, que funcionavam como um lote experimental. Essa modificação ao redor das casas (quintais) foi um aspecto básico para a compreensão do surgimento de um modo de vida mais sedentário e que se desenvolveu nas várzeas (Lathrap, 1977).

Para o autor, a Amazônia central foi o local onde se desenvolveram a domesticação de plantas e as cerâmicas mais antigas e sofisticadas. Entende que foi dessa região, rica e populosa, que teriam sido lançadas as ondas migratórias relacionada aos Aruak e Tupi para povoar a América do Sul, portanto na direção contrária do foi preconizado por Meggers. O fator responsável por desencadear as migrações foi à pressão causada pelo aumento populacional decorrente das condições agrícolas favoráveis e abundância de proteína animal. O adensamento da população e a conseqüente circunscrição das várzeas empurraram parte da população em busca de ambientes com as mesmas características.

Lathrap (1975) argumenta que a partir de 500 A. D. alguns estilos cerâmicos e tecnologias se difundem da bacia do Amazonas para o seu entorno na América do Sul. Relaciona essa dispersão com a expansão Carib, que teria se difundido através do litoral da Guiana, terras baixas da Venezuela, Colômbia e Antilhas Menores. Essa dispersão teria trazido novos elementos que foram reconhecidos como a tradição cerâmica Incisa Ponteada, cujas características eram: o uso de cauixi, decorações realizadas com incisões finas e profundas e cujo motivo diagnóstico eram bandas com triângulos isósceles justapostos; presença de apliques modelados com motivos zoomorfos (cobras, macacos, jacarés e onças) e antropomorfos.

Lathrap considera Santarém o mais famoso e complexo desses estilos que compõe a tradição cerâmica descrita. Cita outros sítios que apresentam estilos ligados a essa tradição: Oriximiná, no Baixo Amazonas; Itacoatiara e Paredão, no médio Amazonas; Nericagua, no alto Orenoco; Corobal, no sul da Venezuela; Arauquím, Llanos do Orinoco; Camoruco, no médio Orinco; Valência, no norte da Venezuela; Apostadero no baixo Orinoco; Rio de la Miel, na Colômbia; e Milagro, na bacia do Guayas, Equador (Lathrap, 1975). Na década de 1980, Lathrap juntamente com José Proença Brochado reformulam a rota da migração Carib, influenciados pelos dados do trabalho de Anna Roosevelt em Parmana, que sugere ter ocorrido entre 800 a. C. a 500 A. D. uma paulatina transição dos estilos Barrancóide para Arauquinóide em Corozal no médio Orenoco (Gomes, 2002; Roosevelt, 1980).

Os estudos realizados por Robert Carneiro na região do alto Xingu tiveram importante fundamental para o entendimento da complexidade das sociedades pré-históricas amazônicas. Na década de 1950 realizou uma minuciosa pesquisa sobre a agricultura entre os Kuikuro, na qual constatou que esses índios, praticando a agricultura de coivara, exploravam a mesma área por longos períodos. Com isso

demonstrou que era possível que o ambiente de terra firme suportasse populações densas e sedentárias com o cultivo de mandioca complementada com caça e pesca (no caso dos Kuikuro especialmente a pesca) (Carneiro, 1983).

Embora Carneiro se antagonize com as idéias de Meggers no que concerne a capacidade de suporte dos sistemas de subsistência amazônicos, reconhece a importância dos fatores ecológicos no processo de complexificação das sociedades humanas. Explica o surgimento dos cacicados nas margens do rio Amazonas, relacionado à concentração de recursos nas várzeas, tanto pela fertilidade do solo quanto pela disponibilidade de fauna aquática. Segundo, ele a alta disponibilidade de recursos seria quase uma forma de circunscrição, pois levariam a cobiça desse ambiente pelos moradores das regiões vizinhas ocasionando disputas nas áreas ribeirinhas. Os perdedores se submeteriam aos vencedores para garantir o acesso ao rio, surgindo assim os cacicados (Carneiro, 1970, 2007).

A partir dos anos 1980, Anna Roosevelt entra no debate acerca das origens e padrões do desenvolvimento cultural na Amazônia. Roosevelt se antagoniza com as idéias de Meggers, uma vez que a primeira entende o meio ambiente como favorável a adaptação humana; aceita como fato as informações contidas nas crônicas seiscentistas sobre os grandes assentamentos e a existência de sociedades marcadamente hierárquicas do tipo cacicado; defende a hipótese que a base para essas sociedades complexas seria o cultivo do milho em vez da mandioca; e considera que os cacicados teriam surgido de maneira autóctone sem nenhuma ligação com os Andes (Roosevelt, 1992; Gomes, 2002).

Roosevelt acirra ainda mais suas críticas a Meggers, quando diz que ela usou as informações etnográficas contemporâneas como se houvesse uma continuidade dos padrões culturais do passado até o presente, ignorando as fontes etno-históricas e o impacto dos primeiros contatos, e assim criando um modo de vida que nunca existiu. Afirma ainda que a descrição do meio ambiente, como concebido por Meggers, era inapropriada porque considerava os solos de uma maneira geral pobres, ignorando a importância de vastas áreas de biomas terrestres e fluviais, ricas em nutrientes (Roosevelt, 1991).

Roosevelt associando os resultados de suas pesquisas com outros dados arqueológicos, com as fontes etno-históricas, com dados da antropologia física e da paleontologia articula uma longa seqüência cultural para a ocupação humana na Amazônia. Essa seqüência inicia por volta de 11.200 A. P. com uma ocupação

paleoindígena de coletores–caçadores– pescadores; é seguida por culturas de pescadores e coletores de moluscos durante o Holoceno entre 7500-4000 A. P. que são responsáveis pelas primeiras cerâmicas na Amazônia; depois por volta de 4000 e 3000 A.P. surgem os horticultores de raízes que tem um estilo cerâmico marcado por decoração incisa, apêndices zoomorfos modelados e algumas vezes com pintura geométrica vermelha e branca; e por final surgem as culturas construtoras de tesos por volta de 1000 a.C. que são sucedidas por sociedades complexas e hierarquizadas, associadas às tradições Policrômica e Incisa Modelada (Roosevelt, 1991; Gomes, 2002). As pesquisas de Roosevelt reacenderam tanto os debates sobre a questão da antiguidade da ocupação com também sobre a existência de cacicados na Amazônia.

Carneiro (1995, 2007) fez críticas ao trabalho de Roosevelt, argumentando que apesar do forte antagonismo às idéias Meggers, sua interpretação é marcada pelo determinismo ecológico, na medida em que insiste no contraste entre várzea e terra firme como um fator determinante na evolução cultural. Carneiro critica incisivamente a associação feita por Roosevelt entre o aparecimento dos cacicados e o cultivo do milho. Segundo ele, as evidências etno-históricas demonstram que existia enorme quantidade e alta variedade de peixes, tartarugas e peixes-bois nos rios Amazonas e Orenoco. Fato que demonstra a disponibilidade de fontes proteína variadas e de fácil acesso ao longo do ano, o que seria suficiente para manter sociedades densas e complexas. Conclui afirmando ser insustentável qualquer teoria que não considere a possibilidade do adensamento populacional e do surgimento de cacicados ao longo do Amazonas e Orenoco ter ocorrido com base nos recursos aquáticos (Carneiro, 2007).

Carneiro argumenta que a relação entre os ambientes de várzea e terra firme deve ser revista e sugere que a exploração desses dois habitats tenha sido feita de forma interligada na pré-história. Aprofundando as idéias de Carneiro, William Denevan (1996) propõe um modelo onde existiria um sistema de exploração que se beneficiaria tanto dos recursos disponíveis na várzea quanto na terra firme. Assim, a localização dos sítios das populações que usavam esse sistema de exploração deveria estar nas áreas mais altas nas margens dos rios, nas barrancas. Nesses locais, estariam fora do alcance das cheias e localizados de maneira estratégica para explorar os dois ambientes. Nas fontes etno-históricas Denevan, coteja informações para demonstrar que os grandes assentamentos ficavam nas barrancas, na várzea e na terra firme e mantinham ligações entre si através de caminhos e estradas (Denevan, 1996).

A partir dos anos 1990, Michael Heckenberger começou a desenvolver um amplo projeto interdisciplinar na região do alto Xingu aliando arqueologia, história oral, etnografia, lingüística, estudos de solos, sensoriamento remoto e sistema de análise de informação geográfica (GIS). O principal objetivo foi entender a pré-história e a história da sociedade xinguana com ênfase no uso de recursos ambientais, cultura material, organização espacial, padrões de assentamentos regionais e organização política e ritual. Os resultados dessa pesquisa têm demonstrado que a pré-história do alto Xingu foi caracterizada pela existência de grandes aldeias circulares interligadas por estradas que convergiam para praças centrais. Outras estruturas completavam o conjunto como barragens, pontes, fossos e aterros (Heckenberger, 2001, 2005).

Heckenberger acredita que a economia que sustentava as sociedades xinguanas no passado era baseada na plantação de mandioca em larga escala associada com pesca, que é um recurso abundante na região e complementada pela caça. A pesquisa no Xingu demonstrou com muita propriedade que em determinadas áreas da terra firme também é possível o desenvolvimento de sociedades complexas, longe das várzeas e sustentadas pela agricultura da mandioca.

A partir de 1995, Eduardo Neves e James Petersen iniciaram um projeto de pesquisa junto à confluência dos rios Solimões (Amazonas) e Negro na Amazônia Central. Essa região foi indicada por Lathrap (1970) como um centro de origem das culturas amazônicas, onde teria ocorrido a domesticação de plantas e do sistema de cultivo da mandioca amarga, teria sido ainda o local do surgimento das primeiras indústrias cerâmicas (Neves, 2006). Baseado nessas premissas, os principais objetivos do projeto tem sido investigar a possibilidade da ocorrência de assentamentos sedentários, densamente povoados e de longa duração em ambientes de floresta tropical; estabelecer cronologias controladas para a arqueologia amazônica e compreender os processos de interação entre as populações humanas e o meio ambiente.

Os resultados do Projeto Amazônia Central revelaram a existência naquela região de uma ocupação pré-cerâmica datada de aproximadamente 7.700 AP; e ocupações ceramistas em sítios multicomponenciais apresentando grandes extensões de terra preta, montículos artificiais, enterramentos e valas defensivas. De fato as pesquisas indicaram que a ocupação ceramista ocorreu em dois momentos, o primeiro antes do surgimento da terra preta cujas datas vão entre 2.330 e 1.500 AP e outra mais recente, relacionada ao solo de terra preta datando de 1.350 a 1.000 AP. Portanto, as pesquisa na Amazônia Central tem confirmado a existência de sociedades densas e complexas, possivelmente

cacicados, que modificaram e foram modificados pela paisagem amazônica no passado (Neves, 2003).

A área onde foi realizada a pesquisa aqui apresentada, a região do rio Trombetas, pertence à região do baixo Amazonas[2] de onde são provenientes as cerâmicas Marajoara, Aruã, Santarém e Maracá. Pode-se dizer que foi a partir da descoberta dessas cerâmicas, na segunda metade do século XIX, que a pesquisa arqueológica teve início na região amazônica (Barbosa Rodrigues, 1875; Ferreira Penna, 1877; Hartt, 1885; Ladislau Netto, 1885) e que paulatinamente, com o passar das décadas, foi se elaborando a idéia de existência de sociedades complexas na Amazônia pré-histórica.

Nesse contexto, a região de Trombetas adquiriu visibilidade para arqueologia da Amazônia com a descoberta dos primeiros ídolos de pedra e de também de cerâmicas elaboradas (Barbosa Rodrigues, 1875; Veríssimo, 1883). É, do rio Erepecurú, afluente do Trombetas a informação mais antiga sobre a ocorrência de gravuras, datada de 1887e onde existe uma das maiores concentrações de conjuntos rupestres do Pará (Pereira, 2003). Portanto, a região do rio Trombetas, do rio Nhamundá juntamente com a de Santarém forma uma área quase contígua de ocorrência de importantes vestígios arqueológicos. As fontes históricas para essa região, especialmente em Santarém, relatam à existência de assentamentos populosos (Carvajal, 1941; Rojas, 1941), formas hierarquizadas de organização social (Heriarte, 1874) e cultos religiosos (Bettendorf, 1990; Heriarte, 1874; João Daniel; 1976). Esses elementos associados aos vestígios arqueológicos induziram à hipótese sobre a existência de complexidade cultural nessa região (Roosevelt, 1987, 1991a, 1992).

Gomes (2002) chama atenção que essas hipóteses são baseadas em analogias e, portanto devem ser consideradas de maneira cuidadosa. Sua análise da coleção tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo forneceu elementos para abordar de maneira crítica a idéia da existência de cacicados em Santarém. Os resultados do estudo Gomes (2002:161), embora não conclusivos, levaram-na a supor que as sociedades que viveram na região de Santarém, tanto poderiam apresentar formas de organização igualitária quanto poderiam ser hierarquizadas, como os cacicados. Essa conclusão está de acordo com o posicionamento atual da discussão sobre as formas de organização social complexa na Amazônia, que vem, cada vez mais, tomando nuances variadas e tornando-se mais

[2] A região do baixo Amazonas compreende desde a foz do rio Amazonas até um pouco acima da cidade de Faro, localizada as margens do rio Nhamundá.

flexíveis. Atualmente, os estudos sobre os cacicados têm proposto a existência de várias estratégias de associação social que tanto podem ser coletivas como individuais e que não são auto-excludentes, isto é, pode ocorrer na mesma sociedade com maior ou menor alcance (Neves, 2003; Schaan, 2004, Machado, 2005).

Apesar do alto potencial arqueológico, a região de Trombetas não garantiu a execução de projetos de pesquisa sistemáticos, tanto que foram conduzidos de maneira intermitente na década de 1950 por Peter Hilbert (Hilbert, 1955a; 1955b; 1959) e na década de 1970 por Peter e Klaus Hilbert (Hilbert, 1982; Hilbert e Hilbert, 1980). A partir da década de 1980 as pesquisas foram retomadas sob a perspectiva da Arqueologia de Contrato, uma vez que foi implantado um pólo de exploração de bauxita na região. (Araújo Costa et al., 1985; Hilbert, 1988; Kalkman e Costa Neto, 1986; Lopes, 1981; BRANDT, 2000; Guapindaia, 2000).

Dentro dessa perspectiva, é que foi definido o escopo do projeto que vem sendo desenvolvido na região de Porto Trombetas, cujo objetivo geral é entender como ocorreu a ocupação pré-histórica da região. Pesquisas anteriores definiram dois momentos para a ocupação pretérita da área (Hilbert, 1955; Hilbert & Hilbert,1980). O primeiro, mais recente, concernente ao estilo cerâmico Konduri foi datado entre os séculos XIII e XIV e pode ser relacionado historicamente aos grandes assentamentos encontrados pelos primeiros viajantes do rio Amazonas no século XVI.

O segundo momento, o mais antigo, foi definido arqueologicamente como fase Pocó e datado aproximadamente de 160 a.C. a 200 d.C.. Em publicações recentes (Neves, 2006; Lima, Neves & Petersen, 2006) propuseram que a fase Pocó seja transformada em Tradição Pocó, argumentando que na Amazônia Central, encontraram cerâmicas semelhantes a classificada por Hilbert & Hilbert (1980) no baixo Amazonas. A Tradição Pocó se caracteriza por depósitos profundos com às vezes mais de 1 metro, datando até 2.300 anos A. P. e apresenta cerâmicas com decoração incisa e pintada. Os sítios Pocó pertencem ao período imediatamente anterior ao aparecimento das grandes aldeias e anterior a formação das terras pretas (Neves, 2007:55-56, Lima, Neves & Petersen, 2006:47).

As pesquisas já realizadas na área do baixo-Trombetas até o Lago de Faro no curso inferior do rio Nhamundá identificaram cerca de setenta sítios arqueológicos (Hilbert, 1955; Hilbert, 1988), cuja maioria está concentrada em torno dos diversos lagos da região (Sapucuá, Batata, Acari, Algodoal, Piraruacá e Faro). A área aqui investigada fica ao norte daquela descrita pelos cronistas como densamente povoada e

se sobrepõe a alguns trechos já investigados pelas pesquisas anteriores como, por exemplo, uma parte do rio Trombetas, os lagos Batata e Moura e abrange ainda uma vasta região de interflúvio praticamente desconhecida. A pesquisa nessa área, que compreende diversos compartimentos ambientais, proporcionou um levantamento preliminar da distribuição dos sítios nas diversas paisagens e principalmente permitiu constatar que a ocupação pré-colonial não estava restrita apenas as margens dos rios e lagos, mas se estendeu às zonas de interflúvio ou terra firme. A ocorrência de sítios em áreas de terra firme já foi confirmada por diversos pesquisadores, que defendem a hipótese se uma exploração complementar dos dois ambientes pelas populações pré-coloniais (Smith, 1980; Denevan, 1996).

Pontos mais específicos investigados dizem respeito ao refinamento da caracterização e cronologia dos estilos cerâmicos Konduri e Pocó (Hilbert, 1955; Hilbert & Hilbert, 1980), para isso novas escavações foram realizadas em diferentes áreas do sítio Boa Vista, que resultaram na redefinição de seus contornos, na obtenção de uma cronologia detalhada e em grande quantidade de material cerâmico e lítico.

Nesse contexto, a pesquisa realizada para essa tese, ainda que no âmbito da arqueologia de contrato, teve como objetivo estudar os sítios da região de Porto Trombetas, tanto da área de interflúvio como nas margens de rios e lagos, a fim de verificar se estes apresentam características indicadoras de complexidade social como informado para regiões contíguas. Tais características seriam a presença de cerâmica elaborada, a presença de artefatos líticos elaborados, a existência de assentamentos com grandes dimensões e densidade de material arqueológico.

Esta região é ideal para a realização de tais estudos porque os dados históricos e as poucas informações arqueológicas disponíveis indicam que a bacia do rio Trombetas era ocupada no início do século XVI por populações que estavam envolvidas em redes de trocas de longo alcance sob o comando de chefes supremos, com a produção cerâmica elaborada, de pingentes, muiraquitãs e estatuetas de pedra polida com iconografia semelhante à encontrada em contextos andinos (Barbosa de Faria, 1946; Fonseca Jr., 2005).

A pesquisa foi realizada em uma área de intensa exploração mineral no baixo Trombetas e ainda que tenha sido desenvolvida no âmbito da Arqueologia de contrato, oferece uma oportunidade singular de percorrer áreas de interflúvio, que são normalmente desconhecidas pela Arqueologia da Amazônia por causa da dificuldade de

acesso e pelos altos custos envolvidos para a realização de projetos em regiões sem infra-estrutura.

A estrutura da tese apresenta no capítulo I uma síntese dos dados históricos e das primeiras pesquisas arqueológicas realizadas na área do rio Trombetas. O segundo capítulo está subdividido em duas partes, onde na primeira apresento o panorama histórico da ocupação da área Nhamundá-Trombetas. Utilizei para isso informações etno-históricas para identificar quais povos indígenas viviam na região desde século XVI até a metade do século XX e, além disso, verifiquei a antiguidade e a persistência temporal desses povos com a finalidade de relacioná-los a cerâmica arqueológica encontrada na região. Na segunda parte, descrevo as primeiras explorações e as pesquisas arqueológicas que foram realizadas na região desde o final do século XIX até os dias atuais.

O capítulo II apresenta a localização geográfica da área da pesquisa, destacando as principais características ambientais da região, a fim de que possam ser relacionadas com os sítios arqueológicos.

O capítulo III mostra os procedimentos utilizados na prospecção e escavação dos sítios, bem como seus resultados descrevendo a metodologia empregada na abordagem dos sítios arqueológicos e descreve-os identificando-os segundo sua distribuição na paisagem e o procedimento realizado em cada sítio.

O capítulo IV apresenta o sítio Boa Vista, cuja escavação forneceu as bases para a construção da cronologia regional e que foi escolhido para realizar estudo do material cerâmico com a intenção de refinar as definições dos Estilos Konduri e Pocó e suas cronologias.

O capítulo V discute os resultados da pesquisa para verificar até que ponto eles apóiam as narrativas históricas e as expectativas teóricas e o capítulo VI apresenta os resultados das análises e as relações entre elas, as informações históricas e os dados arqueológicos já conhecidos para a região de forma buscar os elementos que permitam confirmar a presença de grandes e complexos assentamentos nessa região.